

Piccolino

bate que bate

ANO I - NUM. 42

Sabado, 7 de Novembro 1931

1 ESCUDO

MAGUSTOS DE ONTEM...



...CASTANHA DE HOJE

Palacio

Terça—Ivan Petrovitch, Polo e Charlot
Sexta—George O'Brien e Pat e Patachon

CINEMA DE BORLA

Esta semana: Yvan Petrovich, Charlot, Edie Polo, George O'Brien e Pat e Patachon

Os nossos leitores não nos podem acusar de pouco sortido, pois esta semana será um formidável lote de azes e azas, que será posto à disposição dos nossos clientes de «borla».

Será a *gamme* dos habitantes de Hollywood que nos presta o seu concurso, que estará, na terça e na sexta, às vossas apreciáveis ordens.

Terça-feira, 10

**V A L E
UMA ENTRADA**

Palacio de Cristal

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Terça-feira, 10

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Terça-feira, 10

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Sexta-feira, 13

Vale uma entrada

PALACIO de CRISTAL

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Sexta-feira, 13

V A L E

UMA ENTRADA

Palacio de Cristal

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Sexta-feira, 13

V A L E

UMA ENTRADA

Palacio de Cristal

Às 21 1/4 horas

Oferta do «Sporting» e «Pirolito» aos seus leitores

Programa de terça-feira, 10, às 21 horas

1—Documentario e Revista

2—**Mãos no ar**

Grande filme de aventuras com EDIE POLO

Intervalo

8—**O ANEL DA IMPERATRIZ**

Grandiosa comedia dramatica com YVAN PETROVITCH e LIL DAGOVER

15—**Charlot Papá**

Pelo maior dos comicos

PROGRAMA de Sexta-feira, 13, às 21 horas

1—Documentario

2—Revista Mundial

3—**O Principe que nunca amou**

Com GEORGE O'BRIEN e VIRGINIA VALI

Intervalo

10—**Pat e Patachon Musicos**

Pela maior parrelha de comicos

Na proxima semana AS CAPAS NEGRAS com a Academia de Porto e Colmbra

Em caso de chuva as portas abrem às 7 1/2, para que os espectadores possam abrigar o cavallo

Dirigido por
Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa
 Propriedade e Edição de Oliveira Valença
 REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA
 Cancela Velha, 39 — PORTO
 Telefone, 1058



PUBLICAÇÕES



ASSINATURA	
12 numeros	Esc. 1\$000
24 "	" 2\$000
Ano	" 4\$000
Colonias (ano)	" 50\$000
Brasil "	" 60\$000

Pirolitos

PEÇO A PALAVRA

gazona

Como os nossos leitores sabem abriu no Salão Silva Porto a Exposição Histórica dos Vinhos do Porto.

Nos diversos «stands» encontram-se magníficas marcas de vinhos, pintadas pelos afamados viticultores e exportadores Artur Loureiro, Acacio Lino, Joaquim Lopes, etc., etc.

Nas paredes do salão vêem-se formosíssimas telas, engarrafadas por Adriano Ramos Pinto & Irmão, Sandeman & C.^a, Antonio Caetano Rodrigues, Casa Ferreirinha, etc., etc.

Em virtude do grandioso exito da Exposição Histórica do Vinho do Porto, vai brevemente realizar-se a Exposição Matemática dos Vinhos de Bucelas e a Exposição Geográfica do Vinho Verde.

■ ■

O nosso «Janeiro», na correspondência de Braga, da ultima quarta-feira, trazia uma noticia com o seguinte titulo:

«Fruto de suínos»

A local causou uma sensação extraordinaria, porque até hoje toda a gente ignorava que os suínos eram arvores de fruto e por tal motivo pouca gente plantava porcos no quintal.

Não sabemos qual o nome da arvore,—mas calculamos que se deve chamar Porqueira,—é tambem desconhecemos o respectivo fruto.

Fruto de suíno? Só se fôr...

Bem sabemos que é uma porcaria, mas como se trata de porcos...

■ ■

—Que preferias tu: Uma mulher que tocasse piano ou uma mulher que tocasse violino?

—A segunda.

—Porquê?

—Porque uma rabeça atira-se facilmente pela janela fora, e um piano não!

Conforme prometêramos, «Pirolito» apresenta-se hoje de fato novo, pintado de fresco, barba feita, badine e chapéu dernier-cri,—e o seu eterno bom-humor a lazir nas dezasseis paginas de texto, que a alegria do Cruz Cal as valorisa com as irreverencias do seu lápis...

E' claro que, de entrada, não pode mestre «Pirolito» botar aquela excelente figura que desejaría, em vista do esplendido acolhimento que o Respeitavel lhe tem dispensado. Mas a intenção é tudo. E, como áize os italianos, «piano, piano si va lontano» ou, em portuguez d' domingo, «a papo e papo, enche a galinha o grão» ou ainda, traduzindo literalmente, «piano, piano se passa a orgão...»

...O «Pirolito» cumprimenta, pela 42.^a vez, os seus leitores amigos...

A iluminação da cidade, de mez a mez tem um abaixamento de voz. As ruas estão quasi ás escuras, apesar das lampadas continuarem acêsas.

Até os garfos da Avenida tem as batatas quasi apagadas!...

■ ■

—Já sei que vais mudar?
 —Eu? Que disparate! Quem te disse semelhante disparate?
 —Foi o teu senhorio...

■ ■

Num escritorio:
 O empregado:—Não posso ler esta carta! Que pessima letra!
 O patrão:—Ora essa? Até um burro é capaz de a lêr... Dê cá a carta!

■ ■

Ardente como um vulcão,
 o fogo que dele sai!
 Abre e fecha sem cordão
 —e o monoculo não cai!

■ ■

Após a «Exposição Histórica dos Vinhos do Porto», organizada por Pintores, Medicos, Archeologos e Arquitetos, vão realizar-se, nesta cidade, a «Exposição Histórica de Doenças de Senhoras» e a «Exposição de Archeologia e Pintura Histórica», organisadas, a primeira por um grupo de Viticultores do Douro, e a segunda por alguns Provadores de Vinhos.

B L O C O

S. J.

Ao vêr aqui prazenteiro
 Um que é verde e encarnado,
 Pergunta alguém:—Mas quem é
 Este caricaturado?

Com franqueza vos'direi,
 —Sem p'ra isso usar de manaa—
 Que é o sei, o sei, o sei...
 Que é o Seixas d'«A Montanha».

PIROLITO não se empresta vende-se





... E segue a fita

Teatro e Cinema

Volta a discutir-se na imprensa mundial o cinema e o teatro.

Com qual tem os seus adeptos, há vezo os cinéfilos ferrenhos e dedicados, e teatros, igualmente arreigados a coisas de teatro, bebendo os ares e mais meio quartilho por atrizes e atores.

O cinema prejudica o teatro? Ha quem diga que sim, como ha tambem quem tenha diverso modo de vêr, afirmando que o teatro não é afectado pelos filmes, antes pelo contrario eles servem a maior parte das vezes para valorisar as peças do teatro, dada a inferioridade dos assuntos filmados e a escassez de argumentos.

O «Pirolito» para pôr a questão a limpo, principiou por ouvir diversos artistas teatraes, fazendo-lhes a seguinte pergunta:

Que pensam do Cinema?

E eis os depoimentos das nossas illustres atrizes e dos não menos illustres actores:

—O Cinema foi bom para as fabricas de tecidos. Só de pano crú para os «écrans» vendem-se milhares de metros por ano.

LUCILIA SIMÕES

—O Cinema sonoro foi uma descoberta maravilhosa para os surdos. Não ouvem os ruidos...

ALVES DA CUNHA

—Entre o «Sonoro» e a «Radio» venha o diabo e escolha.

AMELIA REY COLAÇO

—Com a minha sogra e um gramofone, tenho em casa «Sonoro» e «Radio».

CHABI PINHEIRO

—O que ha-de melhor no Cinema sonoro são os silencias...

ADELINA ABRANCHES

—O que eu mais adoro no Cinema são as trepidações do «écran»... Fazem-me uns nervos!

SALES RIBEIRO

—O Cinema foi a grande escola da arte de beijar!... Os osculos modernistas substituiram os beijos—botas d'elastico.

BEATRIZ COSTA

—Pois sim... Mas temos de adquirir linguas sobrecelestes.

ESTEVAM AMARANTE

No proximo numero publicaremos novos depoimentos de mais artistas dos nossos theatros.

As biografias dos Azes e das Azas

Três mezes antes de nascer era Raquel Torres empregada na Chapelaria a Vapor de cinco mil toneladas, em Reguengos de Baixo.

Depois da mãe a dar á luz a Raquel dedicou-se a chupar em biberões, imper-



RAQUEL TORRES

Ultimos telegramas da Cinelandia

Hollywood de Los Angeles (ás 3 zero horas e meio quarto). Esta madrugada desapareceu a estatua da Liberdade que estava á entrada do porto de New-York.

A policia sinaleira poz-se immediatamente em campo, tendo, ao fim de umas demoradas investigações, descoberto o paradeiro da famosa estatua, que se encontrava oculta em casa da Grêta Garbo, no meio dos «soutien-gorges» da vampirica vedêta.

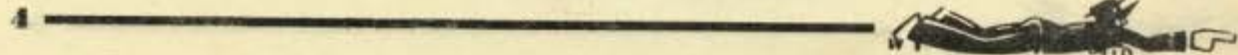
O caso causou enorme sensação e foi o assunto obrigado de todas as conversas, havendo grande regozijo nas classes operarias.

O Vaticano mandou telegramas de felicitações á policia de New-York, tendo embaudeirado em arco a Sociedade Al Capone dos Bandidos Benemeritos de Chicago.

Grêta Garbo encontra-se muito abalizada, tendo confessado o roubo, alegando em sua defeza a miseria em que vive desde que se implantou a republica na China.

Partiu para a capital americana, no Sud-Express, o titan de Leixões, que vai ser utilizado na colocação da estatua no mesmo sitio donde foi retirada.

CINE CALVO



Folhinha da semana

Outubro

27

Terça-feira

Recomeça a distribuição de panelinhas na Avenida dos Aliados. O recinto presta-se — e a «Senhora Humida» habilita-se e sai-lhe um lindo «bidet»...

Sabendo que vai iniciar-se em Lisboa a «Semana do Trabalho», um grupo de empregados publicos nomeia uma comissão organizadora da «Semana do Descanço».

Outubro

29

Quinta-feira

Concorridissimas as «matinéés» cinematográficas. A rapaziada «fixe» pede a Deus que o «Rivoli» abra antes com cinema, para arranjar um lugarsinho ao lado da porteira.

No «Sá da Bandeira», Amarante, o Rei da Sorte, colhe fartos aplausos em «3 CONTRA 1» — Desta vez, as cinéfilas julgam que se trata de «5 CONTRA 1», e vão lá.

Outubro

31

Sabado

Inaugurou-se ha dias a Exposição Historica do Vinho do Porto. — Vespera de S. Martinho, era logica a escolha deste dia. — O Governo prova e aprova...

Domingo. Não chove. Peditorio para os Cancerosos. — 50 % da receita bate as azas para fora do Porto. — Ha quem proteste. A nossa bolsa abre-se só metade...

Novembro

2

2.ª feira

Dia de Finados. — Um desmentido formal á prosa de Ibañez, Os mortos mandam... — Os tristes, não mandam nada, coitados! — Se mandassem, onde é que eles mandariam algumas pessoas de familia!...

Outubro

28

Quarta-feira

Ai Laife!

Ecoss da Sociedade

O nosso Pirolito inicia hoje esta nova secção. Milhares de leitores nos têm solicitado que nas colunas pirolitaceas fique exarado o movimento elegante feminino em diversos écoss semanais.

Principiamos hoje com esses écoss, que são écoss que vão dar éco, mas ó qu'éco!

Boletim elegante feminino

—Mergulhou ontem na pia baptismal um elegante rebento, filho da Ex.mª Senhora D. Escolastica Repólho e do nosso intimo amigo Senhor Cipriano Grão de Bico.

O prometedor neofito, filho de pais vegetarianos, recebeu o nome de Efigenia Couve Lombarda.

Paraninfaram a Senhora Condessa do Espargado e o Senhor Visconde de Rama de Nabo.

O neofito foi passar a lua de mel á quinta dos Grêlos á provinciana, propriedade da Senhora Marquês de Rabanète.

A familia do finado pede desculpa de cumprimentos.

—Conсорciou-se amanhã na paroquial igreja do Registo Civil do 4.º Bairro Operario, a eximia cantadeira de fados, D. Guitarra Sem Cordas, com o popularrissimo fadista Senhor Navalha de Ponta e Móla.

A seguir realizou-se um copo de agua... ardente na taberna do Olho Vivo, sendo distribuidas a todas as pessoas presentes diversas facadas no bandedulho.

As visitas eram recebidas na sala do Aljube, tendo feito as honras da casa o Senhor Juiz do 1.º districto.

—Acaba de falecer com uma tísica galopante, — primeiro prémio do concurso hipico, — a consideradissima professora de piano sem teclas D. Semifusa Clave de Sol, virtuosa esposa do defunto Epaminondas Pá Sustenido, que foi durante muitos anos guarda da noite do orgão da Cathedral de Westminster.

Ao sêr conhecido o resultado da autopsia os vapores surtos no Douro deram uma salva de 21 tiros de polvora sêca.

—Quando se dirigia para a igreja de Ramalde do Meio, para sêr enterrada no cemitério da localidade, deu á luz uma creança do sexo masculino, a nossa estimada assinante D. Lucrecia Borgia, noiva do nosso precioso amigo Gregorio Pevide de Marmelo.

A desditosa D. Lucrecia ao vêr o fruto dos seus amores, negou-se a sêr enterrada, alegando que estava viva, porque se não estivesse não podia dar á luz.

Interveio a guarda-republicana que obrigou a simpatica noiva a deixar-se enterrar em campa raze, sendo o noivo removido para a morgue e o recém-nascido enviado para juizo.

Outubro

30

Sexta-feira

Novembro

1

Domingo

Verdade Minha Graça

Por José d'Artimanka

O ANALFABETISMO EM PORTUGAL

Uma manhã destas, quando estava ainda na perfumada gondola que me serve de descanso ao esculpido corpo, foime anunciada pelo famulo destacado a tal, a visita do sr. Marques da Cunha.

Marques da Cunha, que V. Ex.^{sa} não conheciam até hoje é um dos muitos jornalistas d'esta nossa terra que usa oculos. Trabalha por amor á profissão, á sua mulher e a um filho. Tem o cabelo negro e encrespado e as faces chupadas como um cigarro forte. Apesar disso tem brilho nos olhos e nos escritos, e nas botas ultimamente, foi destacado pelo Jornal onde trabalha, o «Diario de Noticias», para colher impressões, alvitre, e opiniões sobre a patriótica campanha que aquella folha iniciou a favor do A. B. C., depois desta revista ter suspenso a sua publicação.

Quando soube da sua aparição em minha casa tive um rebate de consciencia e quiz negar-me.

Mas, considerando melhor, fiz uma toilette primaria e fui-me a ele.

Beijamo-nos demoradamente na testa como manda o ritual do camaradas, e puz-me em riste absolutamente serio e á espera da sortida já aguardada.

Marques da Cunha, rapou de um dos Bolsos de uma maquina fotografica de outro uma Remington portatil, e de outro ainda dois pares de linguados do officio. Puz, sentou-se e começou assim.

— Meu caro Zé, como sabes, nós somos amigos desde os tempos em que a Ponta da Pedra era um lugar de poetas. Juntos brincamos e juntos cursamos as primeiras letras não é verdade?...

— Pois que já chorava ao ouvir isto, dizia-me que sim. E ele continuava:

— A vida separou-nos, quando tu n'um gesto louco comeceste a trabalhar, e eu me quedei á sombra dos chorões da Beira Leça. Reunio-nos agora e veio trazer-me á tua frente para te interrogar. Eu quero que tu me digas o que pensas do analfabetismo.

— O' menino! Pensei que é uma coisa muito feia. Respondi eu, mas o Marques não gostou.

— Como sabes—continuou—eu estou encarregado pelo meu jornal de entrevistar as creaturas mais em evidencia no

Porto, e nesta ordem de serviço, já percorri um lente, um medico, um professor, um pedagogo, um barbeiro...

...e um careca, interrompi. O Marques da Cunha, ageitou os oculos, tomou um café espirital, e encarreirou o fio da meada:

— Sim! E's tu. Mas o que eu quero de ti, para dizer lá no nosso jornal, é o que pensa um humorista do atrazo em que se encontra Portugal sobre a leitura.

Tomei então uma posição mais a proposito e dissertei:

— O que eu penso sobre essa magestatica questão, é que ella é uma questão menos de vitalidade do que de vitaminas. Portugal é um paiz em que 75% dos habitantes não sabem ler; mas isso é nada porque 101% sabem discutir de tudo. Sabem de politica, sabem de finanças, sabem de estrategia. Assignam a rogo e vão no conto do vigario? Isso que importa comparado com a demissão do Alcalá Zamora, e a invasão da Mandchuria.

O Povo portuguez, meu caro amigo, é o povo mais interessante, que eu conheço; vê tu: quando um pequenino imposto o assoberba, berra, barafusta, chama de gatunos aos governantes, e só coagido, paga. Mas se fôr o Chile ou o Brasil, que suspenda pagamentos, que o ludibrie e dele se ria ainda, o nosso povo, baixa a cerviz, bufa baixinho, e para desabafar nomeia uma comissão com plenos poderes.

— Está bem! Isso está certo; mas tu ainda me não respondeste a nada.

— Pelo contrario. Se não vê: um povo que soubesse lêr, educado, culto, não

seria capaz de vir á noite á cidade, encarrapitado num carro de bois a escoltar uma pipa perfumada; um povo que soubesse soletrar os caracteres, meu amigo, adivinhava logo, quarta maldade a educação esconde, e se agora é uma fera por instinto, depois quando soubesse lêr, era uma fera por inclinação.

O Marques ouvia-me atonito. Ele que viera por uma pagina laudatoria da accção do seu jornal, encontrava pela frente um inimigo. Depois de me ouvir, disse:

— Mas és tu, um escritor que dizes isso?...

— Sou. E não me envergonho de o fazer. No dia em que em Portugal soubessem ler 75% dos portuguezes, começa a nossa desgraça.

Quando tirarem o povo da sua ignorancia, quando lhe derem essa luz de 25 bicos que se chama abecedario, que ha-de ser de nós, de vós, de todos. Quem leva os nossos livros, e quem tomava a serio os vossos jornaes?

Quer isto dizer que eu seja contra o ensino? Não nunca! O que eu gostaria de saber e vêr é que não ficaria por ensinar ao povo a alinhar as letras e a soletra-las; queria que o ensinassem tambem a absorve-las; e a cumpri-las. Se não o resultado é nulo, é contraproducente.

O Marques da Cunha estava banza^o dissimo. Tenha a impressão de que estava a fazer a meu respeito uma ideia pouco tranquillizadora. E mais ficou de certo quando eu terminei o meu discurso com a tirada da praxe:

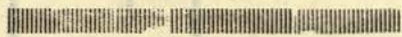
— E depois, eu tambem não sei para que servirá obrigar o povo a saber o alfabeto todo.

Nesta altura o Cunha só conseguiu dizer:

— Oro essa... e eu continuei.

— Sim! Porque ha lá letras que não servem para nada. Por exemplo: o K nem para escrever capa serve; o W só junto a um c se comprehende, e só em certas occasiões mais apertadas, e o i grego só se fôr para fazer um reclamesinho.

O Marques da Cunha já não podia mais. Pegou no chapéusinho e quasi sem se despedir de mim, foi entrevistar outro.



ADÃO COELHO

Taxi n.º 9260

Coconditê de Luxo

TELEFONE
1915

PRAÇA
R. Sá Noronha



Para ser um bom jogador de foot-bail

por RICARLIM

Os 7 mandamentos do jogador

Se quizeres ser um jogador completo, manda a memoria ao Freire-Gravador para não te esqueceres de que:

1.º—Está mais que demonstrado pela experiencia que as botas de foot-ball teem uma grande predilecção pelas canelas dos outros. Por isso leva sempre para o campo alguns pausinhos da dita para entreter as botas dos adversarios e evitar que te debiquem nas que usas nas pernas.

2.º—A bola é um pretexto. O verdadeiro fim a atingir não é a bola nem a rede. É o adversario mais proximo.

3.º—Se conheces a boa educação, faz vista grossa ao entrar no campo. Diz um ditado: Quanto mais burro mais peixe. Adaptando ao teu caso: Quanto mais bruto, mais admirado.

4.º—Se fores capitão do teu grupo, põe no prego os três galões da ordem e compra uma pistola. Há arbitros que só a tiro marcam os penaltys e off-sides que nos convêm.

5.º—Nunca obedecas ao arbitro. É um tipo irritante, que pelo facto de prazer um apito na boca se julga com o direito de mandar em 22 homens de calção.

6.º—Quando magoares algum jogador contrario, fá-lo de modo que ele não possa devolver-te a amabilidade. Arranja mesmo com que vá fazer um estágio á Morgue. Um morto já não dá mais pinhões nem caneladas.

7.º—Os 7 mandamentos do jogador são só seis.

Começando por destrinçar a etimologia da palavra, conclue-se que, embora pareça provir do inglês o nome daquêlê jogo, a sua verdadeira origem é portuguesa. *Foot* é a corrupção de uma forma imperativa muito em uso. Faltam-lhe duas vogais e uma consoante. Para compensar, juntaram-lhe o segundo *o*. *Ball* é, sem dúvida, a portuguesissima *bala*, com o simples emagrecimento adelgacativo do *a* final em *f*. Portanto a tradução correcta de foot-ball é: foge senão mato-te.

Predicados necessarios a todo o sujeito que se sujeita a ser jogador limpo, sem sujidade

Foge, senão mato-te. Por esta razão deve o jogador possuir,—além da cabeça e tronco,—membros pluralisados (chegam quatro) e bastante desenvolvidos, para poder evitar a tempo o contacto da multidão ansiosa, quando esta na mais pacifica e atlantica das atitudes invade o campo e sova os 23 padecentes da praxe. A cabeça quási que podia dispensar-se, visto que é fácil perdê-la, mas como também serve para bater na bola e no baixo-ventre dos adversarios, convém levá-la para o campo. Quando, porém, a cabeça do jogador tem qualquer particularidade especial, a que é costume chamar-se «cabeça de burro», «de boi», etc., é de boa prudencia troca-la pela do preto da Novissima Africana ou metê-la no bolso. Esta ultima precaução executa-se sempre que em qualquer intervalo extra-programa, a policia entra no jogo e se entretêm a trinchar as costeletas alheias com amaz trinchas de aço adequadas á solenidade.

Carta de amor

Dizes-me numa carta perfumada que já não sou o mesmo que era outr'ora, e acusas-me de tudo, muito embora eu tenha a consciencia socegada.

Tanto assim é que juro, minha amada, passar á tua porta a toda a hora; olha, pergunta á velha quem lá mora, se não passei lá esta madrugada ..

Até hontem lá fui; á campainha do teu portal toquei, veio a Vicencia e disse: «Está no banho a Mimizinha».

Tanto que até pedi com impaciencia: —«Se é minha amiga, diga-lhe, Cencinha, que lhe quero falar com toda a urgencia».

LINO LEAL.



Ginastica sem fios—Flexão dos joelhos com as mãos atrás da cabeça.

MAGISTER DIXIT

Alguns leitores perguntam-nos,— e nós judiciosamente respondemos:

♦ «Porque é que um grande numero de frequentadoras assíduas de igrejas, sacristias e confessionarios, usam saias compridissimas, quasi varrendo o chão com elas e, no verão, nem cinco reis de decote para amostrea?» (Zeca)

Não é pudôr, nem é medo do senhor padre Fulano... A gola guarda o segredo do colo, do olhar profano... Quanto á saia... Tarde ou cedo, rompe a orquesta—e sobe o pano...

♦ «Porque é que as senhoras usam óculos ou lunetas, como o homem, e não usam monóculo?» (Lux)

Concordo que era engraçado, um monóculo irreverente a conquistar corações... Mas um olho envidraçado é um p'riço permanente p'r'o transitio dos peões...

Petiscos

Pirolitáceos

De lamber os belços

Ovos Cosidos Ha trez formas de coser ovos:—Em agua a ferver, a pontos naturais e á «jour».

No primeiro caso emprega-se a agua em ebulição, no segundo, conduzem-se os ovos ao hospital; no ultimo, qualquer costurçira de ponto aberto executa esse trabalho a troco duma insignificante quantia.

Esta receita serve para ovos de galinha, de pata, de avestruz, de lebre, de môca e de codorniz.

Para ovos de galo e de pato a receita é diferente, sendo preciso primeiro pôr a casca á volta do ovo e deitar fóra a gema.

Licôr bolchevista—Indispensavel em todas as casas burguesas. Esmagam-se três membros da Legião Vermelha num almofariz. Misturam-se-lhes quatro bombas de colorato, três «brownings» em segunda mão e três cabelos da careca do Lenine. Dissolve-se tudo em dinamite, melinite e himalaite, cem gramas de cada.

A seguir, mete-se ao lume dentro de cinco metralhadoras e enfrasca-se o liquido numa granada de mão.

O burguês que prova deste licôr apanha uma diarrêa que nunca mais se vê livre d'ela.





—Tenho respeitado a memória do meu marido.
—Mas ouvi dizer que o Lucas da Câmara...

A batalha naval

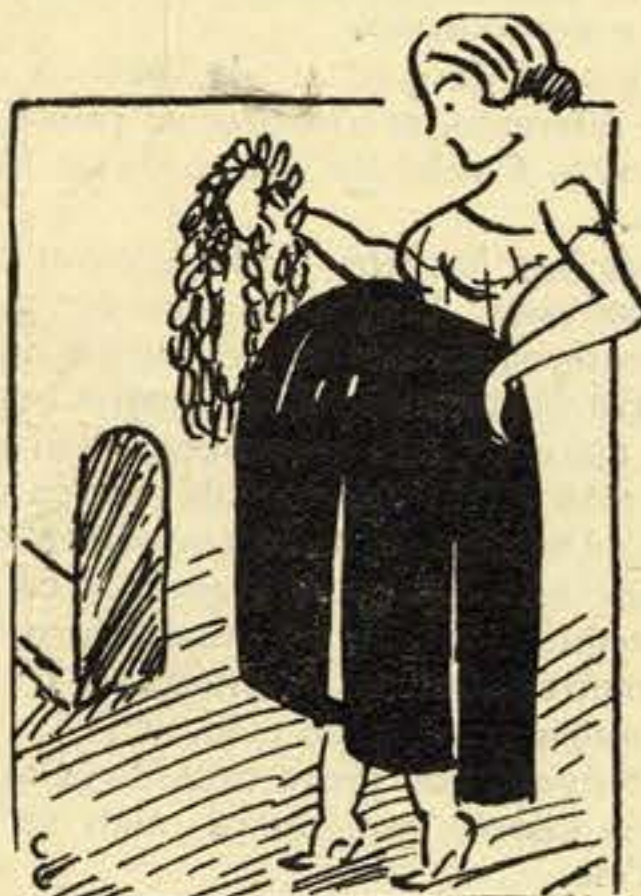
Encontro vários fulanos
Que andam na publica via,
Proprietários da mania
De combatentes insanos.

No café vejo dois manos
Experimentando a pontaria,
Afundando com mestria
Vários barcos de dois canos.

Ao fundo um Submarino!
Ha tiros extraordinários.
O almirante afundou-se!

O' irrisão do destino!
Estes ferozes corsários,
São marujos de água doce.

PIN-PIN-PIN.



O marido faleceu ha catorze mezes... E' um filho póstumo.

HA muitos seculos já,—segundo dizem desde o começo do mundo,—que uma pessoa quando morre, fá-lo definitivamente. Assim, como não é facil esticar o pernil a titulo provisório e «a Morte ninguem escapa» (vid. «Monologos do nosso confrade Pedro Bandeira») —o irremediavel gesto de falecêr traz após si, entre outros dissabôres, a certêza dolorosissima do arrefecimento total do ceu da bôca e a paralisção do transito vital, animal e intestinal.

Morre-se só uma vez na vida, porquê? Porque as operações desagradaveis nunca se repêtem, nem a brincar...

Edison preparava-se para descobrir o segrêdo da vida eterna, quando morreu. Pretendia, segundo outros, fazêr falar os mortos ou falar com os mortos,—habilidade descoberta, por longo tempo, por alguns frequentadôres das casas de batota. Se a Morte não o surpreende, atirando-o para a cova com a formula estranha que procurava,—acabavam, os armadôres, gatos pingados, coveiros, co-

—Tenho-lhe respeitado a memoria, snr. «Pirolito».

—Mas ouvi dizer que o Lucas da Câmara...

—Um simples «flirt», que eu repeli com dignidade... Nunca pôz os pés no meu quarto...

—Nunca?

—Nunca! Eu ia a um que ele alugou mais dois amigos, para um negocio de comissões...

Como eram com «x,» deixámo-la entregue ao pranto... e a um papo-sêco que a seguia...

Versos e Saudades

Mais adiante, um par de ltuosas discute:

—Mas, afinal, se ias divorciar-te do teu marido, para que é que vens hoje vizitar-lhe a campa?

—O' filha: E' para ter a certêza de que ele continua môrto...

Vamos andando... e chorando os desgraçados que tiveram a veicidade de falecer, confiados na «saudade eterna» dos que ficam...

rôas, cartões de pesames, viúvas inconsoladas, enterros de primeira classe, misas do sétimo dia, etc...

Uma volta pelos cemiterios

Dia 2,—dia de luto. Recordações dolorosas, saudades, algumas lágrimas.—Mas o Ridículo espreita...

Dona Euclides da Purificação tem cincoenta e seis anos, faz as unhas, oxigena todo o sistema capilar e é viúva ha doze anos...

Tem, durante o ano, trezentos sessenta e quatro dias para arejar a inconsolavel pluma. São oito mil setecentos trinta e seis horas de espevitadelas a uma mocidade que vai longe. Mas no dia 2, em memoria do saudôso extincto, lacremeja pelos cantos do cemiterio...

O «Pirolito» encontra-a, entre crisantemos e uma saudade.

—Dona Euclides?

A viúva chora.

—A minha alma conserva, intactos, ha nove anos, os crepes da viuvez.

—Ha nove? Olhe que é já!

O senhor Crisostomo da Cruz & Filhos, Importação e Exportação, passa por nós, apressado, com um papel na mão...

—Indisposição subita?—preguntamos-lhe.—Tem de dar a volta á capela...

—Perdão. Não são intestinos, são versos.

—Ah!

—Um epitáfio para a campa de minha chorada esposa... Quer ouvir?

A Morte, um dia, levou-te.

Não te tornei mais a vêr...

Quer's crisantemos? Eu dou-te!

Mas não me peças a vida,

Cunegundes, minha q'rida,

porque tinha de a fazêr...

...E o senhor Crisostomo da Cruz & Filhos, Importação e Exportação, foi-se, com o papel e duas lagrimas ingenuas e luminosas...

Noivas, Viúvas e Sogras

Uma mulher de negro dá-nos um encontro fortuito. Vai de luto pesado. Tão pesado, que até lhe custa a empurrar os crepes da viuvez...

O marido faleceu-lhe há quatorze mezes... E' um filho póstumo... Quando a sua viuvez tenebrosa o der á luz, terá a cara do pai...

Braço dado, sorridentes e felizes, passam dois noivos... Vieram ao Cemiterio apenas como «touristes», em digressão amêna...

Pergunta ela, romantica:

—Diz-me, Jorge. Se eu morresse agora, como é que ficavas?

E o Jorge, muito terno:

—Ficava viúvo, amorsinho!

...E lá vão os dois, soletrando epitáfios, fazendo «blague» da Dôr e do grotesco que por ali se exibem...

Nesse instante, porém, um genro muito nosso conhecido, encosta-se, desfalecido, ao nosso braço completamente herculeo...

—Que foi, Hipolito?

—Minha sogra...

—Faleceu?

—Não, filho. Continua viva!...

—São oitenta anos de ferro, livra!

—São mas é oitenta contos em papéis!

Fala um esqueleto

Num recanto escuro do cemiterio, um esqueleto espreita-nos por entre as grades dum jazigo de familia, que mais parece um quiosque em mármore e granito.

—Boas tardes!

—Adeus, amigo! Então sósinho? E a familia? Com uma ultima morada tão suntuosa—e ninguem o veio visitar?

O Esqueleto mostrou-nos os dentes brancos, num sorriso arripiante:

—Ninguem!

—E tem familia viva?

—Sobrinhos... Leguei-lhes toda a minha fortuna. Meteram-me aqui...

E depois, com uma gargalhada maior:

—Estou bem sósinho...

Mais vale só que mal acompanhado e um sobrinho enriquecido á custa do esqueleto dum tio, esquece sempre, neste dia, o seu rico bemfeitor. Eu não tenho nada que me queixar porque tambem fiz o mesmo ao tio que me deixou a massa.



O luto da Rosinha era o mais aliviado possível.

Eu sou mais lindo!...

Preparaste uma partida,
P'ra me provocares ciúmel...
Tens, no olho, muito lume,
E's sabida, Margarida!...

Fica sabendo, querida,
Que não é do meu costume,
Manter-me no azedume...
Não quero o sal na comidal...

Eu sendo um velho Romeo,
Faço a conquista em doçura
E' o fraco que Deus me deul...

Lá porque tens formosura,
Não és mais linda do que eu...
Tenho eu d'isto a fé segura!

ZEPHYRO.

Mais tristes viúvinhas

As viúvas sucedem-se. São como as cerejas,—entre as quais algumas maduras já...

Esta, a Rosinha, traz um doce bambino nos braços... Já não a viamos há tanto tempo!...

—Pois o Eugénio morreu?

—Há cerca de dois anos... O senhor não sabe?

Olhamos para os crêpes e para o petiz,—e percebemos que era luto já aliviado... e com «boa horinha»...

Mas outra viúva surge. E' a D. Felisberta Berta da Libertação, professora de piano automático e mestra de rendas de casa...

—Outro?

—Outro, meu caro amigo. Já lá vão quatro, com este...

—Irra! Já é azar!

—Não sei porquê... Se eles não morressem na hora própria, eu tinha-me divorciado...

Um outro jazigo

Sem ninguem, absolutamente sem ninguem, pintado de fresco, como que a pedir que o habitem, um quiosque muito branco.

Quem o teria mandado construir? Porque razão se encontra ali aquele monumento de marmore, á espera sabe-se lá de quem?

Por mais esforços que façamos não conseguimos apurar quem foi.

Passa um coveiro a correr.

—Que é isto? perguntamos.

—E' para...

E a voz dele perde-se nas marmoreas cruzes.

VISADO PELA

COMISSÃO

DE CENSURA



O esqueleto, num sorriso arripiante: —Ninguem!



De Cima da Burra

Os cães ladram á lua!

Minhas senhores e meus senhores:— Desde que o mundo, de todos vós é sabido que o cão pertence á curiosa especie de mamíferos carnívoros digitigrados facilmente domesticavel é que comprehendem uma aluvião de variedades.

O cão é o amigo mais fiel do homem, assim o proclamando a historia de todos os tempos. Mas tambem ha neste mundo pessoas tão rudes e ingratas para com o seu semelhante das quais se diz —foi sempre um cão.

Quando a algum de vós pregam o calote, é sabido que empregaes logo este argumento—*ferraram-me o cão*. E se, ao lusco-fusco, ao anoitecer, vós direis: estamos *entre o cão e o lobo*, é porque chegou a hora em que os cães costumam recolher ás respectivas casotas, e os lobos ainda não começaram o seu criminoso gironocturno.

—Mas a que vem todo esse arrasoado? perguntar-me-hão os meus queridos e amadores ouvintes.

Eu me explico

Ontem, ao bater das zero horas, depois de recolher a casa e assomar á janela das minhas aguas-furtadas, quiz a minha encantadora visinha do lado, a D. Urraca, ter a exquisita lembrança de me dirigir a seguinte pergunta:

—Porque é que os cães ladram á lua?...

Eu fiquei seriamente embaraçado. Quiz ser-lhe agradável, elucidá-la sobre o assunto. E, apesar de eu ser alguém que, neste mundo, tem levado uma autentica *vida de cão*, mas não desejar, com as minhas ricas visinhas, viver como o cão com o gato, fui á minha estante, deitei a livraria abaixo, rapei do *Alcorão* e puz-me a solettrar-lhe a parte que diz respeito a todas os dogmas e preceitos relativos a esse misterio da raça canina...

Palavras concretas sem paradoxos

O caso parece á primeira vista, de difficil explicação,—o habito inveterado que os cães, esses muito dignos quadrupedes, têm de ladrar contra a rainha da noite. Ninguem pôde imaginar que isso seja um simples capricho sem motivo, e com efeito não é, meus respeitaveis ouvintes.

Os cães meus senhores, são animaes de vasta erudição, muito mais completa da que de certos *eruditos* que por aí vemos a perovar ás mezas da *Brasileira*. Tanto isto é verdade, que ha muitos cães que se denominam com especialidade sabios, o que não quer dizer que o resto da classe não seja bastante ilustrada: uns ladrando em prosa e outros ladrando em versos... á lua!

A branca deusa que alumia os cachorros

Ora sabem eles muito bem que essa branca deusa que se ostenta no céu azul não tinha simplesmente uma feição celeste, mas tambem outra infernal; que a Diana caçadora era aquella criatura fabulosa á qual se sacrificavam todos os cães. Isto irritava a raça que se excitou em fundas iras.

Transmitiu-se o odio canino de pais a filhos, e hoje, que já estão extintos os sacrificios, ainda nas horas mortas da noite os cães erguem a sua voz, os seus latidos, para injuriar a triplice deusa—a lua—e vingar, por essa forma a sua velha offensa...

A D. Urraca, minha visinha, ficou toda satisfeita com estas explicações, mandando-me, no dia seguinte, um casal de cães daquela esplendida raça dos que ela costuma pregar nos *ateliers* das modistas.

TRIGUEIRIÇIMUS



Leitor de rebimba o malho,
vou pedir tua atenção
p'ró inocente trabalho
despido de presunção.

Qual a coisa—que diacho—
que é redonda e é comprida
e as bolas que tem por baixo
dão leite enquanto tem vida?

Se de carne é toda feita,
'stando em pé 'stá estendida,
mas quando ás vezes se deita,
coitada, fica encolhida.

Tem marés parece louca,
tem nervos, cabeça tem,
e ha quem a metá na boca
e á barriga faz-lhe bem...

Cinco letras isto só;
pode agora *adivinhá*;
tem um P. e tem um O,
tem um R. e acaba em A.

LINO LEAL.

Decifração do Enigma anterior

Polca

Mataram-no — Brancuras, Atir, Acesnof,
Poeta chalado, Constante, Lélé, Benmel.

Eu fartei-me de pensar,
arrazei a mioleira,
e não consegui achar
decifração verdadeira

E só encontro, afinal,
solução muito atrevida.
chego mesmo a dizer mal
cá da «polca» desta vida.

RIBEIRO JÚNIOR (TONISCA).

Quasi que já me esquece
Da valsa e mais da m azurca,
O que me parece asneira;
Mas, ha dias, consegui
Dançar *polka*, com a turca,
A' sombra d'uma *Palmeira*.

Lembrei-me dos belos tempos
D'uma alegre mocidade,
Quando apetezia folgar,
E não havia lamentos
Nem lagrimas, nem saudade...
...E senti-me remoçar...

RIXAS.

FIXE BEM

na Rua de Santa Catarina, 217

é, e sempre foi a CASA TOMAZ CARDOSO com depósito de cofres, fogões, camas, colchoaria, trens de cozinha, etc.

--VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES--





Entre outras glosas recebidas para o mote que apresentamos na respectiva secção destinada aos poetas de agua doce e salgada, um Vate enviou-nos a seguinte:

Não sei o que me fizeste,
Que tanto me faz pensar,
Até farto de chorar,
Os beijos que tu me deste,
Na boca mos puzeste.
Se eu te fosse pedi-lo,
Eras capaz de nagar
Como foi sem esperar
Sabiam a caramilo.

Parece que a rima em «ilo» assustou grandemente os nossos primos dados ás Musas. Assim, se a glosa acima apavorou esta redacção, um Poeta, por não ter outra rima á mão de semear, atirou-nos com um «caramilo» que até jámos perdendo o pouco folego que já possuímos...

Fest. de Confraternisação

S. MARTINHO

Os prelados portuguezes e o «Piolito»

Aproxima-se o glorioso dia consagrado a S. Martinho, patrono dos que se põem pelo extracto concentrado da uva.

Festejando a gloriosa data do nascimento, morte e canonisação do referido bemaventurado, realizar-se-ha, quarta-feira 11 do corrente, na Secretaria Patriarcal de Lisboa, uma festa do confraternisação dos prelados portuguezes, na qual serão discutidos varios assuntos que dizem respeito ao proximo Centenario Martinhiano.

A referida reunião findará por um banquete oferecido por D. Gonçalves Cerejeira, cuja ementa, segundo nos informam, se compõe de—Sopa de grão á Padre Inacio com espinafres, Sardinhas grelhadas á Index Expurgatorio, Bacalhau Poncio Pilatos, Salada de Bulas e Breves e Pudim do Vaticano,—sendo os vinhos fornecidos pelos Galegos de Cima de Vila, desta cidade.

Aos brindes, Mgr. Fiorel, nosso representante junto do Vaticano, fará a apologia, na lingua do Duce, da obra do «Piolito», aconselhando a sua leitura a todos os católicos militantes e prometendo indulgencias aos seus assinantes, leitores, colaboradores e anunciantes.

Aqui

Telegramas lá de fóra

Ali

Acolá

Na ancia de bem informar os seus vinte e sete mil trezentos sessenta e nove leitores, o «Piolito» contractou, desde hoje, um serviço especial de telegrafia óptica e porventura acústica, com o qual colherá as mais sensacionais e secretas noticias do estrangeiro.

As sessões cinematograficas realisadas no «Palacio» transformáram, ha muito já, os directores do «Piolito» em dois autenticos nababos—(3,7 x $\frac{142}{1721}$: 891,9 x 0,14—6,170 x 0,003= 0\$36)—com automoveis, joias, mueres e outros adubos quimicos. E' lógico e é justo, portanto, que, correspondendo ao favor do Publico, o «Piolito» se sacrifique, puxando pelos cordões á bolsa e fazendo desta gazeta o membro mais viril da Imprensa cidadina.

jecto duma viagem de propaganda na America do Sul, afim de fazer concorrência á última vizita do Principe de Gales.

Para estar mais á altura do seu real concorrente, o célebre coronel aviador decidiu fazer todá a viagem a cavallo.

Noruega

Oslo, 5—O capitão Carsen, que fez parte da expedição noruega antártica, enviou um T. S. F. ao ministro dos negocios estrangeiros, informando que, quando voava ao longo da costa, descobriu um continente desconhecido até hoje; com a superficie de quatro metros quadrados.

O referido aviador, sem aterrar, deixou cair sobre o nóvo territorio uma caixa de fosforos e um cordão de sapato, afim de com esses dois historicos objectos tomar posse, em nome da Noruega, do continente descoberto, ao qual deu o nóme de Ibsenlandia.

China

Shangai, 27—Reina enorme entusiasmo nesta cidade, pela proxima estreia duma companhia de opereta, vinda directamente do Polo Norte para realizar uma longa serie de espectaculos com a revista de maus costumes esquimós, *Tzeczrot-oprrsst!*,—ou seja, em portuguez, *Não me descubras o Polo, que me constipas!*

Do elenco fazem parte um numeroso grupo de Focas-Girls.

Inglaterra

Londres, 5—O Ministro das Minas, respondendo a um deputado da Camara dos Comuns de Dois, disse que o «chômage» de 357.419 mineiros é proveniente do esgotamento quasi total das minas de carvão de Beloc e de bolas, notificando que o Governo estava dispôsto a colocar os desempregados nas minas de macarrão de York.

Estados Unidos

Washington, 6—Informam-nos que, a pedido dum grupo financeiro argentino, o coronel Lindbergh aceitou o pro-

Por minha dama!

Lindo outono fecundante,
Bom tesoiro e melhor dote
Da vida são, triunfante!
Tens-me, aqui, qual D. Quixote,
Velho cavaleiro andante!

Da minha capa os arminhos,
O meu chapéu, minha lança,
Toda a raça e pergaminhos
Desta estirpe se abalança
A arremeter... co'os moinhos!

E's a fartura, o reinado,
O predomínio, a voragem
Dum monarcha sublimado,
Ditador que poz á margem
O Sancho Pança, o criado...

Lindo outono! Eu te saúdo
Deste recanto modesto
Em que a musa inspira tudo:
As ironias e o resto
Deste poeta abelhudo...

Mas não te faças rogado
Do meu estro quanto almejas,
Pois tu has-de ser cantado
Com vinho e quanto desejas,
Num poema bem tratado.

Envergando a armadura
Com a minha lança em riste,
Eu, D. Quixote em bravura,
Em vez de *figura triste*,
Vou fazer... linda figura!...

ALTER-EGO.



A PROPOSITO DO PREMIO NOBEL

Um protesto de sabios tripeiros

Afinal, o Prémio Nobel de Medicina foi parar ás mãos dum alemão.—o agora celebre Professor Warburg, director do Instituto de Estudos Fisiológicos e Arqueológicos das Células Simpáticas de Berlim-Dahlem e Daquem-Mar.

Herr Warburg, assinante, desde o inicio, do «Pirolito», descobrira recentemente a composição quimica do fermento de uva Formosinho e da transmissão e recepção da agua oxigenada nas células dos batráquios cancerosos. E' claro que o Prémio Nobel,—cêrca de duzentas mil libras esterlinas—(ao cambio actual, dozoito vintens.)—lhe foi concedido immediatamente, logo que se soube que Herr Warburg descobrira o bacilo englobado de Paulo de Koch, pelo emprego dos raios e coriscos ipecilão.

Mas os protestos surgem. E o formidando clamôr que se levanta entre os sábios de todo o mundo, encontrou um eco nos potentados intellectuais de Portugal...

Falam sábios portuenses

O nosso querido amigo e colaborador da Secção Arqueológica do «Pirolito», Prof. Mendes Correia, o decano mais novo da Faculdade, exclama indignado:

—Herr Warburg é Alguem no mundo científico. Mas as suas células não valem as pedras lascadas por mim. A

respiração das células? Mas é um problema tratado e resolvido já, na época terciária... Na idade do ferro de engomar, a tal transmissão da agua oxigenada no sistema capilar e métrico do sexo frágil era perfeitamente conhecido... A confirmação das minhas palavras encontra-se em Glozel...

Agora é o Prof. Jaime Cirne que pontifica:

—Herr Warburg? Não me ocorre ter visto o seu nome entre os Socios da Sociedade Astronómica de Paris... Conheci um S. Warburg, um F. Warburg, um M. Warburg...—Agora um R. Warburg...

—E que lhe parece? Foi justo, o premio?

—Talvez... Não sei... Nós, os Poetas-Astronomos, pairamos muito alto... De resto, positivamente não me interessam essas descobertas celulares, que vão de encontro ás minhas ideias liberaes...

Mas não fica por aqui. Como se trata duma «transmissão», um numeroso grupo de empregados dos Telegrafos desta cidade protesta, tambem. E alguns Professores do Conservatorio de Musica do Porto, enviaram uma reclamação alegando a flagrante injustiça do premio, visto tratar-se duma «composição»... quimica.

A Europa inteira aguarda, com ansiedade, o terminus do conflicto.

—Minha prima Eulália,—conhece, não é verdade!

—Conheço...

—Essa não o quiz mais. Ou antes: Ela queria, mas meu tio é que não quiz.

—Ora essa?

—Não lhe podia sentir as mãos na cabeça... Como é muito histérica, aquilo era logo ataque pela certa!

—Que me conta?!

—Tal e qual. E o Roque tambem é calista.

—Por ahi, então, deve ser um encanto...

—Deve ser... Tanto, que eu já comprei uns sapatos apertados ..

—Para ver se arranja calos?

—Está claro. Nem só a mamã há-de ter direito de meter os pés pelas mãos...

—Decerto...

—Sabe o que é pena, Mariasinha? E' que ele não seja tambem massagista...

—Ai! Se fosse, em vista das suas informações, tinha fregueza pelo menos três vezes por semana, quando meu marido vai fazer a provincia...

Frei-Satan.

Panteon

Adriana Lecouvreur

Tragica francêza a nossa biografada d'hoje, illustre representante dos antigos dramalhões de faca e alguidar, agora substituidos pelos de painelas e tachos, a um escudo cada série de dez numeros.

Adriana nasceu em 1629 em Epernay, no Marne, e assistiu ao formidavel combate que celebrizou o general Joffre, tendo nesse dia realizado uma récita de grande gala, representando a celebre tragédia grêga «O Pão de Ló», que foi no fim dividido em fatias por todos os soldados do exercito vencedor.

A gloriosa Talma feminina faleceu no ano de 1730, ou sejam dezassete toções com trinta reis.

Com uma grande vocação para o teatro, mereceu de Musset uma poesia que principia assim:

O' que geito para o teatro
Que vocação!
Eu fazia o diabo a quatro
Num dramalhão.

Estes admiraveis versos foram mais tarde aproveitados para a peça brasileira, «A Capital Federal».

Adriana Lecouvreur, conhecida em todo o mundo pela Adriana do Cober-tor, representou durante a sua existencia formidaveis e classicas tragédias, tendo-se distinguido principalmente nas seguintes:

—«Ressonar sem dormir»—«Tim-tim por tim-tim»—«Contas do Porto»—«O actor e seus vizinhos»—«O pescador de baleias»—«A Ramboia»—etc., etc.

A Adriana deixou de representar desde que faleceu.

São feitos!...

CONVERSA FIADA

Ondular, aparar...

—Quem é o seu cabeleireiro, Quinha?

—E' o Roque. Porquê? Gosta da ondulação?

—Muito! E' um amor!

—Aquilo são uns dedos mágicos. Se você visse, Mariasinha! Vai a minha casa, e a mamã tambem não quer outro... E, depois, a graça com que ele ondula, a ternura com que ele esponta, a meiguice com que ela rapa a cova do ladrão!...

—A prática, Quinha, faz tudo...

—A prática? Mas olhe que ele só tem dezanove anos!

—Só? E já assim artista?

—Artista? E se você lhe visse os olhos! Ai que amor de olhos! Parecem de veludo... E as mãos? Muito bem tratadas, muito macias, muito leves...



Frei-Satan.



Uma Revolução

Na Indústria Automobilística

O que nós vimos

O nosso querido e velho amigo Rocha Brito, empresário tailleur de automóveis e madeiras preciosas, acaba de obter a representação, em Portugal, de novos modelos de automóveis, destinados, por certo, a um invulgaríssimo êxito entre os «gourmets» destes adoráveis meios de transporte.

Cá fora, os constructores, numa ansia de notoriedade digna de louvor, tentaram renovar completamente a indústria automobilística, criando carros dum ineditismo estranho, quasi inacreditavel. Consequentemente, o gesto do nosso Brummel portuense, levantado e patriótico merece o incondicional aplauso do «Pírolito» sempre ao lado de todas as grandes iniciativas.

Eis alguns dos modelos que brevemente vão ser expostos:

● Automovel Turismo

Este carro é entregue ao comprador com uma farmacia portátil, algodão hidrófilo, gaze, líquidos antisepticos, etc. A parte posterior do carro encerra uma pequena sala de operações cirurgicas, e um dispositivo especial permite transformar rapidamente o automovel em veiculo funebre e os pneus em corças com as respectivas fitas de dedicatorias lacrimosas.

● Automovel Burocrático

Este carro é dividido em um certo numero de repartições, servidas por um corredor central. A porta de entrada tem grades e um policia permanente.

● Automovel Económico

Com este carro desaparecem todas as despesas de aluguer da garagem porquanto a sua «carrosserie» em «caut-

chouc» só toma vulto e ocupa espaço, depois de cheia de ar. Quando vazio, o automovel pode acondicionar-se na gaveta da comoda, ao pé dos lençoes.

● Automovel Musical

Nas rodas deste carro, de aspecto pentagramático, podem adaptar-se discos de gramofone. Em marcha, o «chauffeur» e tripulantes serão deliciados por magnificas audições musicais, sendo, porem, conveniente, mudar de disco todos os quinhentos metros.

● Automovel Puzzle

Ao menor choque, este carro divide-se em 33.768 peças diferentes,—o que permite ao seu proprietario, em caso de «panne», umas longas horas de diversão, com um jogo de paciencia profundamente curioso e agradável.

● Automovel Saltão

Um as molas especiais, acionadas pelo proprio motor, permite a este carro transpôr todos os precipicios e saltar todos os obstaculos, sem esforço de maior.

● Automovel Pião

Unicamente destinado ás pessoas que habitam em terceiros ou quartos andares, o referido automovel desloca-se por pequenos saltos de 3 centímetros, subindo e descendo escadas e dispensando, com vantagem, o ascensor.

Tem o nome de «Pião», por possuir um curiosissimo movimento giratorio, destinado especialmente ás gimkanas.

● Automovel Utilidade

Curiosissimo. Transforma-se, rapidamente, á vontade do dono, em cama de casados, armário, tina para banho, piano, de cauda, meza elástica, radio, telefone, mesa de bilhar, etc.

● Automovel Lateral

Este carro,—na nossa opinião o mais interessante,—desloca-se não no sentido longitudinal,—isto é, de traz para a frente ou da frente para traz,—mas no sentido lateral,—isto é, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, resolvendo, definitivamente, o problema dos atropelamentos...

GRAFONOLOGIA NUPCIAL

Um decreto do Governo digno do nosso aplauso

«Porque evidentemente recrudescer a terrivel epidemia do Divorcio, ameaçando destruir todos os lares, e a Cerimonia do Casamento Civil não tem aquele aparato que um tão solene acto merece, realisando-se numa sala fria, entre a monotonia da leitura do Codigo Penal,—nos artigos e paragrafos respeitantes á Pena Ultima,—e a presença hierática dum Conservador na generalidade muito mal conservado, o Governo decreta:

«Art.º 1.º—Em todas as Conservatorias do Registo Civil, no salão destinado aos Casamentos, será instalado uma grafonola de luxo,—de preferencia «Polydor» ou «His Master Voice».

«Art.º 2.º—Durante o solene acto do Conorcio, os nubentes serão mimoseados com trechos musicais apropriados, devendo o Conservador operar sem dôr, limitando-se a colher as assinaturas e a apresentar o catálogo dos discos mais em voga.

«§ unico—Se a educação musical dos futuros conjuges fôr nula, o Conservador cumprirá á risca o programa que consta do Art.º 3.

«Art.º 3.º a): Quando o cortejo nupcial entrar no salão, o fonografo deverá executar o tango «Adios, muchachos, companeros de mi vida!» e a «Marcha funebre» de Chopin.—b): Quando o Conservador elucidar os nubentes de que «o casamento é a união de duas pessoas de sexos diferentes», ouvir-se-ha o disco das «Cartolinhas», ou, na sua ausencia, a valsa de Paderewsky, «Ora agora viro eu!»—c): No momento em que os futuros esposos fôrem convidados sucessivamente ao «sim» fatal, será tocado o tango «A' media luz» ou o tango das sogras, «Era assim»...—d): A' saída, finda a cerimonia e pagos os respectivos direitos alfandegarios, serve qualquer «one-step», sendo, porém, preferivel a «Marcha da Danação de Fausto» ou os «Murmurios da Floresta».

«Art.º 4.º—Fica revogada a legislação em contrario, servindo, tambem, os discos indicados para julgar qualquer acção de divorcio.»

PARA
PINTAR
AREDES

USE A MURALINE

prepara em
seca em
e dura

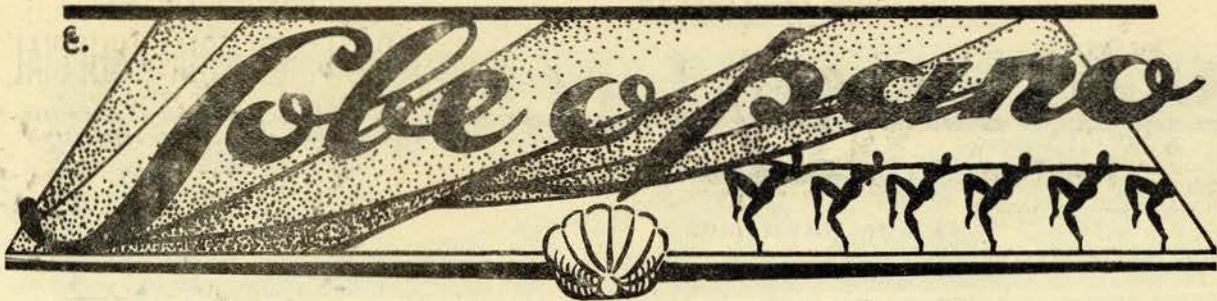
10

minutos
horas
anos



PARA O CABELO
PETROLEO FIGUEIREDO





Como sempre, o Critico oficial do «Pírolito» não assistiu á «prémie» da segunda peça representada, no «Sá da Bandeira», pela Companhia completamente Estevão Amaranthe. Desta vez, convidado pela Academia de Ciências de Paços de Ferreira para a presidência da mesma desta agremiação e ainda

porque o seu lugar de Inspector Geral do Nudismo Luzitano Unido lhe absorve trinta e tantas horas diárias, só repousou a sua arqui-mo desta individualidade numa cadeira, á quarta representação da referida peça,—gesto involuntario que os leitores do «Pírolito» certamente perdoarão.

A PEÇA

Segundo rezam cartazes e programas, a peça intitula-se, no original, *Nothing but the fruth*. Isto, em portuguez vernáculo, deveria traduzir-se por *O Mota Bruto e a Fructa*. Mas os autores usando da facultade que lhes confere o § 3.º do Artigo 16.º do Código das Posturas Teatraes, vertêram liberrimente o titulo, para o que requerêram a respectiva autorisação a quem de direito.

Drama? Comedia? Tragedia? Revista? Opereta? Farça?—O programa diz apenas «peça». E, assim, o espectador imagina que o Estevão lhe vai pregar uma,—patifaria que, afinal, se não confirma...

A peça *3 contra 1* é a luta feroz entre o Capital e o Trabalho, entre o Braço e a Bolsa, entre o Martelo e o Automovel, e o entrecho diz-se em meia duzia de linhas curvas:

O Estevão Amaranthe não gosta de mentir. Fê-lo uma vez na sua vida, quando vinha embarcado,—mas não torna mais a fazer outra. Mas o Seixas Pereira, o Azumbuja e o Saraiva são três bicos amarelos filiados numa Associação Secreta Funebre Familiar. Obrigam o Car-

los a navegar na Verdade durante as três horas que dura o espectáculo—e a tragédia estoiira, affligindo a D. Irene—que cada vez está mais saudavel, e a D. Amelinha que antes de ser Pereira já o era.

Desta complicação psico-fisiológica surge a seguinte pergunta arqui-filosófica:—«Se o Amaranthe, em vez de falar verdade, mentisse durante essas três horas, com musica ou sem musi-

As teorias do neo-espíritualismo de Wagner, o inconfundivel autor do *Barbeiro de Sevilha* e dos *Miséraveis* de Victor Hugo Inspector, fazem de «Carlos» um criminoso-nato, patológicamente observado pelas atitudes fixas e expressivas. Amaranthe errou, portanto na Scena IV e IX do 1.º Acto, V

e X do 2.º e no final do

3.º As modernas concepções estéticas assim o afirmam. Assis Pacheco, laureado da Escola de Arte da Representar sem mestre em vinte

lições, conhece, por certo, a frase de Dorat que cita a Naturêsa e o Artista. Mas o ibsenismo marca; e a arte cristã do Ocidente até

ca, o Padre Assis Pacheco abjuraria, o segundo e terceiro actos decorreriam no Estoril e a partitura da peça seria do Angel Gomes?»

...Eis o retorcido ponto de interrogação, com que o Publico tropeça quando cai o pano pela terceira vez...

O DESEMPENHO

A interpretação merece alguns reparos, doa a quem doer:

Teatros e Cinemas

SA' DA BANDEIRA—A opereta em três actos, *3 CONTRA 1*

AGUIA d'OURO—Films sonoros de grande successo.

OLIMPIA—Films sonoros de sensação.

PALACIO—A's terças e sextas sessões do «Pírolito» e «Sporting»

TRINDADE—Films sonoros de grande atracção.

PASSOS MANUEL—Variedades cinema sonoro.

Carlos Magno, com as suas basilicas, faz do seu Padre Inácio, tomato ou não, um paranoico medieval—e não um temperamento mixto e familiar, como nos pareceu no decorrer da peça.

Os restantes, bem.

Irene Isidro bastante saudavel. Deolinda, como sempre, indifferente ao sacrificio capilar do critico. Fernanda de Souza, gentil.

A MUSICA

«Spartito» dum verdadeiro «angel»,—mais Angel do que Gomes.

Um delicioso tango, que gostaríamos de dansar em tanga...

O PUBLICO

A plateia aprovou, com distincção e louvor, peça e artistas.

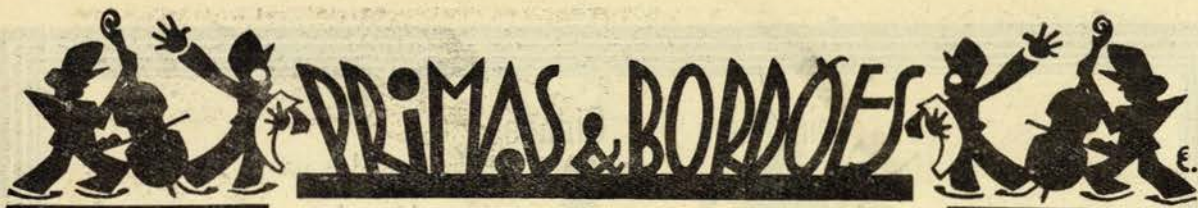
Montagem quasi suntuosa, não desfazendo...

HOMEM DOS ÓCULOS.

«PIROLITO»

não se empresta, vende-se





PRIMAS & BORDÕES

Para o Mote

*Os beijos que tu me deste,
Sabiam a caramilo.*

Recebemos as seguintes

GLOSAS:

Nem sabes o que fizeste,
Com esse teu desatino!...
Que furor ultramarino,
Os beijos que tu me deste,
A língua toda a meteste
Mesmo até ao gorgomilo...
Fez-me bem lembrar aquilo
Que tu chupas com prazer...
Beijos, enfim, que a meu ver,
Sabiam a caramilo.

ZEPHYRO

Sumiu-se o monte «Everest»
De todo secou o mar;
Quando soaram no ar,
Os beijos que tu me deste,
Um boi voou para leste
Repimpado sobre um grilo;
Um lagarto lá do Nilo,
Disse lêr no Alcorão,
Qu'as môcinhas do sêrtão,
Sabiam a caramilo.

TORQUA-GUEIRO

Eu não sei o que puzeste
Nos teus lábios carminados,
Pois achei adocicados
Os beijos que tu me deste,
Mas calculo o que fizeste
Para conseguires aquilo;
Se não foi «cêbo de grilo»,
Foi outra coisa par'cida,
Porque os teus beijos, querida,
Sabiam a caramilo.

R. J. (TONISCA)

Tudo quieto lá p'ra Oeste,
Tudo inquieto destes lados!
O baton deixou marcados
Os beijos que tu me deste,
Tens uma boca, Celeste,
Talhada mesmo p'ra aquilo...
Mas, filha, só 'stou tranquilo
A beijar-te na boquinha...
Teus beijos, d'ontem, qu'ridinha
Sabiam a caramilo.

VALEMO

A' minha prima Celeste,
A quem eu tanto adoro,
Disse há dias, no «Sonoro»,
Os beijos que tu me deste,
Hoje mesmo os recebeste
A' porta do João Grilo...
E' a respeito d'aquilo,
Não sejas tão lambareira...
Pois teus lábios quinta-feira
Sabiam a caramilo.

SEPOL

Amas outo, que te preste,
Eu farei por esquecer-te;
Mas queria dovolver-te
Os beijos que tu me deste,
As cartas que me escreveste
Em caprichoso estilo,
Servem p'ra alimpar aquilo
Que tu sabes, «sim senhor».
Os teus beijos meu amor
Sabiam a caramilo.

ZÉMELLOFF

Quando á sombra dum cipreste
Meu cadaver descancar,
Mesmo ali hei-de enojar
Os beijos que tu me deste,
A's juras que me fizeste
Num choro de crocodilo,
Não ligo nenhuma aquilo.
Sabes porquê, ó Milocas?
Porque as juras, e bejocas,
Sabiam a caramilo.

ZÉ D'AVÓ

Não queres tu q'eu te conteste,
Julgas que fizeste bem
Pois eu não disse a ninguém
Os beijos que tu me deste,
Gabas-te do que não fizeste
E por isso é q'eu refilo
Foste dizer ao Camilo
Que saciaste os desejos
Que eram doces os meus beijos
Sabiam a caramilo.

SOL MAIOR

Antoninho, tu disseste
Algum dia ao camafeu,
Toma lá que te dou eu
Os beijos que tu me deste,
Olha que se o não fizeste
Quebrarei, já, o sigilo
É direi então tranquilo;
Que as petas em desatino,
Tuas, do Pinto e Firmino
Sabiam a caramilo.

TERRIVEL

Foi a coisa mais agreste
Que senti na minha vida
Como nota descabida,
Os beijos que tu me deste,
Avalia o que fizeste
Medita e guarda sigilo
Para depois, mais tranquilo,
Eu dizer, em sabida trêta
Que o tio Zé mais a rabêta
Sabiam a caramilo.

HOMEM-MACACO

Bem sabes o que fizeste
E agora pões-te a chorar
Pois não soubeste guardar
Os beijos que tu me deste,
Foi assim que te perdeste
Porque depois o Camilo
Também foi provar daquilo
Que me tinhas dado a mim,
E até me disse, por fim,
Sabiam a caramilo.

GRAND-PETIT

NÃO SE ASSUSTEM!

‘PIROLITO’ e os habitantes de outros-mundos

Tem voado, estes dias, sobre a cidade, um aeroplano ultra-simpático, assustando a população tripeira que, desde tempos imemoriais, sempre teve muito medo desses atrevidíssimos trambolhos que podem cair lá do alto, do céu velho e revelho e dar-lhe cabo do canastro.

O que há? O que não há? Para que vòia ele sobre esta pacatíssima Invicta? Quais as suas intenções?

Ei-las—e rejubilem:

O aparelho em questão é um Gonocócus HP 37, da Casa Valbom and Company, e foi adquirido pelo «Pírolito» para maior expansão da sua prosa e verso no espaço. Entre os nossos assinantes, contamos três filhos de Saturno, dez Marcianos, quarenta frequentadores de Mercurio, oitenta e sete fabricantes de fechadura de Vulcano, e noventa e quatro fabricantes de camisas, de Venus.

Deste-me beijos, quizeste
Fazer a tua vontade.
E eu recordo com saudade
Os beijos que tu me deste,
Nem sabes o que fizeste!
Beijaste com tanto estilo,
Que eu ao recordar aquilo
Que senti, ardo em desejos.
Meu amor, aqueles beijos
Sabiam a caramilo.

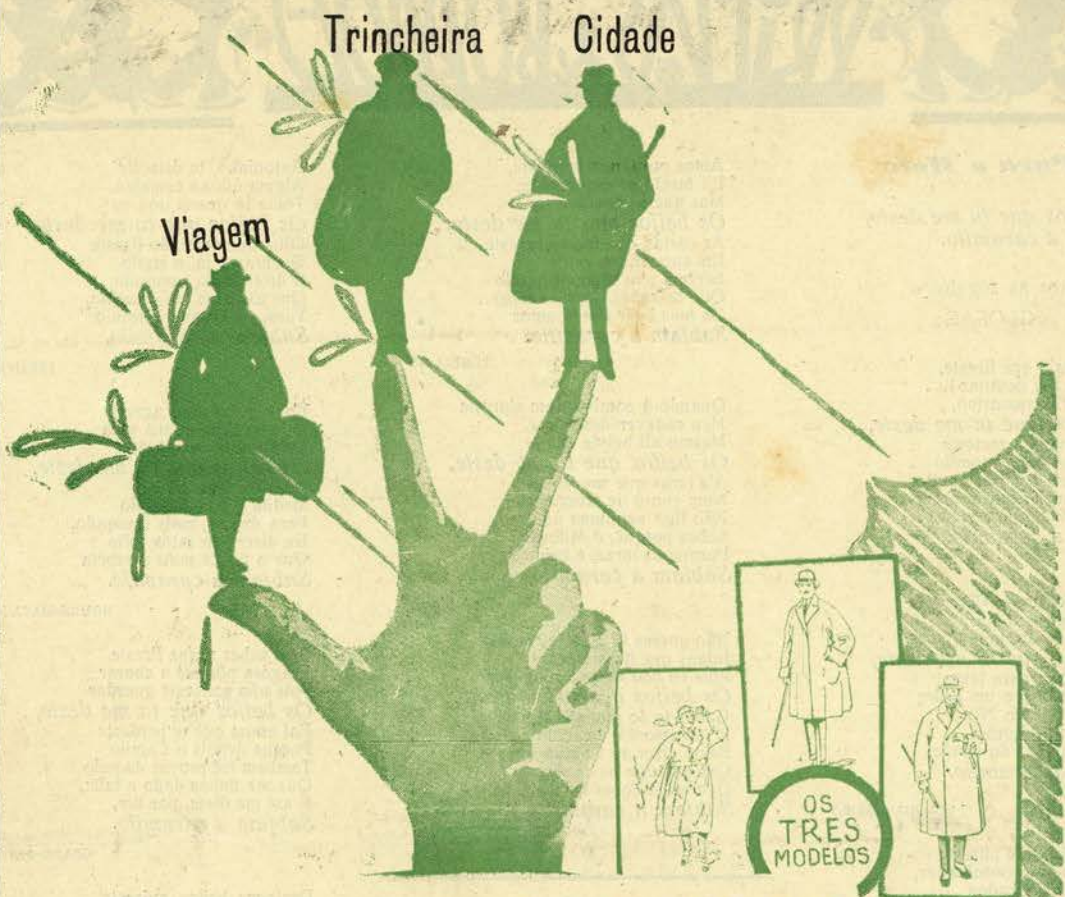
JE

Mote a concurso

*Não te quero ver viuva,
Se um dia casares comigo.*

Aviso aos
poetas: Só serão
publicadas as glosas
que vierem
acompanhadas do
selo que ao lado
inserimos.





Impermeaveis "SLAV,"

GRANDE MARCA AMERICANA

A DINHEIRO E PRESTAÇÕES

Todos os preços e feitos

Casacos de couro--Gabardines

Para o calçado---SOLA INGASTAVEL

B R O C K M A N

PEÇAM CATALOGOS

39, Cancela Velha--PORTO